

instituições de ensino superior”, e que esse papel seja reconhecido pelas instituições e se traduza na abertura de possibilidades de os estudantes e as organizações estudantis participarem da tomada de decisões e do projeto de cursos de ação. Ressalta-se que “tudo quanto diz respeito aos estudantes interessa aos professores e vice-versa”, de maneira que a formação e a atualização do corpo docente constitui um aspecto essencial para conseguir elevar os níveis de qualidade educativa. Além disso, reconhece-se que “a participação dos professores na pesquisa, bem como o vínculo entre pesquisa e ensino é essencial para garantir a qualidade e a eficiência da educação superior, para contribuir para o progresso do conhecimento e para desenvolver capacidades endógenas de pesquisa e de pesquisa e desenvolvimento”. Esse capítulo se encerra com um destaque sobre a necessidade de incrementar a mobilidade dos professores e estudantes nos planos nacional, regional e internacional, bem como a necessidade de desenvolver redes institucionais que facilitem o intercâmbio e a mútua certificação de conhecimentos.

O ponto seguinte considera os temas da autonomia e responsabilidade (*accountability*), liberdades acadêmicas, objetividade e rigor intelectual. A esse respeito é ressaltado que “as liberdades acadêmicas da educação superior e sua ampla autonomia são essenciais para que as instituições possam desempenhar sua missão” e indica-se, também, que a autonomia pressupõe responsabilidade perante a sociedade.

O documento finaliza com um anexo sobre as funções de pesquisa e antecipação. De início, indica-se que “a pesquisa constitui uma missão fundamental e uma função principal

da educação superior”, que a tarefa de fazer avançar o conhecimento e centrá-lo na solução de problemas sociais fundamentais é responsabilidade das instituições, mas também dos acadêmicos em particular. Assinala-se, além disso, que as instituições de ensino superior devem ter recursos suficientes para pesquisar e que o Estado é o principal responsável na tarefa de financiar a pesquisa, ainda que outros agentes sociais devam também assumir compromissos com essa tarefa. Finalmente, indica-se que a “antecipação é uma tarefa relevante da educação superior”, no sentido de que as universidades devem assumir a função de antecipar as necessidades e exigências futuras das sociedades em que se encontram, a fim de oferecer alternativas aos desafios que se percebam.

Nos demais documentos citados, encontram-se desenvolvimentos mais amplos, que vão do conceitual ao operacional e da análise crítica a proposições de caráter indicativo. A coleção completa de documentos pode ser copiada do endereço eletrônico da UNESCO, em: <http://www.education.unesco.org:80/educprog/wche/>

Roberto Rodríguez Gómez

(Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira)

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefeder.¹

Bernard Lahire, professor de sociologia da Universidade Lumière de Lyon II, na França, e pesquisador do CNRS — Centro Nacional de Pesquisa Científica —, investiga,

neste trabalho, casos de sucesso, mas também situações problemáticas, de alunos de aproximadamente 8 anos, oriundos das camadas populares. O problema básico que norteia sua investigação é a busca da compreensão de “diferenças secundárias” entre famílias populares que se assemelham do ponto de vista de certas variáveis objetivas, como baixos níveis de escolaridade e de renda, mas cujos filhos apresentam resultados escolares bastante diferentes. Para o autor, há nesse fenômeno “um mistério a ser elucidado”, uma vez que o sociólogo tende a se limitar às grandes regularidades sociais.

As perguntas que se seguem expressam a problematização de Lahire em relação a esse fenômeno:

“Quais são as diferenças internas aos meios populares suscetíveis de justificar variações, às vezes consideráveis, na escolaridade das crianças? O que pode esclarecer o fato de que uma parte delas, que tem probabilidade muito grande de repetir o ano no curso primário, consegue escapar desse risco e até mesmo, em certos casos, ocupar os melhores lugares nas classificações escolares?” (p. 12).

O material empírico da pesquisa originou-se das seguintes fontes: entrevistas com 26 famílias em seus domicílios e notas etnográficas sobre cada um dos contextos de entrevista; entrevista, na escola, com cada uma das crianças selecionadas (que cursavam o equivalente à segunda série do ensino fundamental brasileiro); entrevista, no início e no final do ano letivo, com cada uma das sete professoras do grupo de alunos pesquisados; entrevista com os diretores das quatro escolas envolvidas, localizadas na periferia da cidade francesa de Lyon. O autor utilizou-se do expediente de

confrontação dos dados oriundos dessas diversas fontes.

Ele se coloca então a hipótese de que “diferenças secundárias” entre as famílias das camadas populares podem explicar as variações significativas de *performances* escolares entre as crianças interrogadas. Ao mesmo tempo, argumenta que a *démarche* que possibilita a identificação das referidas “diferenças” exige um deslocamento de foco para um outro modelo de inteligibilidade do social, que não aquele ancorado em dados estatísticos gerais, produtores de tipologias, e na linguagem das variáveis. Um modelo que permita compreender *casos singulares*, *contextos sociais precisos*, não necessariamente excepcionais, o que, por sua vez, implica um conjunto de exigências epistemológicas e metodológicas.

Em primeiro lugar torna-se necessário *contextualizar* os fenômenos que se querem investigar. Nesse sentido, quando se deseja compreender o “sucesso” (e o “fracasso”) escolar nos meios populares e, para isso, se desloca o olhar para as configurações familiares singulares, termos como “origem social”, “meio social”, “grupo social” tornam-se imprecisos e insuficientes. A esse respeito, afirma o autor:

“Ao construir contextos mais restritos, somos logicamente levados — se não quisermos passar ao largo daquilo que constitui a grande parte da riqueza dos materiais que a pesquisa produz — a desconstruir as realidades que os indicadores objetivos nos propõem, a heterogeneizar o que havia sido, forçosamente, homogeneizado em uma outra construção do objeto” (p. 33).

Em segundo lugar, Lahire argumenta a favor da necessidade de

alterar efetivamente as maneiras de tratar o micros social (no caso da pesquisa em questão, as variações de práticas, atitudes e disposições familiares voltadas para a escolarização), quando para ele se desloca o foco da análise.

Defendendo a idéia de que os sujeitos se constroem no contexto de uma pluralidade de mundos sociais não homogêneos e, muitas vezes, contraditórios,² ele critica o tratamento costumeiramente dispensado a biografias como “exemplos caricaturais, ideais” de tipos sociais que não correspondem à pluralidade da realidade social. Nesse sentido é que ele defende a necessidade do desapego ao raciocínio estatístico, que privilegia “equivalências formais entre traços abstraídos de seus contextos”, e de priorizar as práticas concretas e suas modalidades. Dois avós paternos, por exemplo, tendo em comum a característica de possuírem um significativo capital escolar, podem ser analisados como equivalentes numa abordagem estatística sem, no entanto, o serem efetivamente em suas práticas. Essa “diferença” só pode ser apreendida quando as práticas são levadas em consideração e na lógica da “alquimia das relações concretas entre traços pertinentes contextualizados” (p. 36-7).

Em terceiro lugar, a descrição de contextos singulares exige rigor no que diz respeito à *construção do objeto de pesquisa*. É fundamental que se estabeleça uma *problemática comum* que atravesse os contextos estudados, definindo os *traços pertinentes da análise sociológica*.

Esse conjunto de exigências decorre da perspectiva teórica adotada pelo autor, que se situa no quadro de uma “*antropologia da interdependência*”. Sua inspiração teórica mais importante provém de Norbert Elias,³ particularmente do

conceito de *configuração social* formulado por este. Conceito que Lahire não só defende teoricamente como também coloca em ação na pesquisa, norteador-se pelo “primado do todo sobre os elementos, das *relações* entre as características ou traços, sobre as características *em si*” (grifos nossos). O sentido de *configuração social* de Elias expressa fundamentalmente um modo de pensamento relacional, processual e, nesse sentido, sugere um afastamento da absolutização e reificação de certos traços sociais como fatores explicativos dos fenômenos sociais. Os “fatores” devem ser abordados da perspectiva de sua *interdependência*.

Elemento central do conceito de configuração, a *interdependência* coloca assim todos os “traços da leitura sociológica” *em relação*, ou seja, nenhum deles, qualquer que seja o seu peso, pode ser considerado *em si*. No que diz respeito a esse aspecto, central em seu pensamento, Lahire dialoga com alguns autores⁴ que também se dedicam à questão do sucesso escolar “estatisticamente improvável” nas camadas populares. Segundo ele, esses autores apresentam interessantes hipóteses de trabalho, mas contribuem com verdades parciais porque absolutizam fatores explicativos. O modelo de inteligibilidade subjacente às análises dos referidos autores, na perspectiva de Lahire, provocaria leituras descontextualizadas de fatores isolados, permitindo centrar a interpretação sobre um fator explicativo dominante.

O sentido de *interdependência* operacionalizou-se, no caso da pesquisa de Lyon, em dois planos. Por um lado, na busca de identificação de configurações familiares, na descrição e análise das modalidades de socialização familiar (no âmbito de uma sociologia dos

processos de constituição das disposições sociais, de construção de esquemas mentais e comportamentos, que implica a reconstrução da rede de interdependências por meio das quais estes últimos foram constituídos). Por outro, na articulação entre os perfis familiares encontrados e as exigências escolares, o que constitui uma configuração social mais ampla.

A formulação do autor acerca da problemática que busca elucidar expressa esse quadro teórico-metodológico:

“se a família e a escola podem ser consideradas como redes de interdependência estruturadas por formas de relações sociais específicas, então o fracasso ou o sucesso escolares podem ser apreendidos como o resultado de uma maior ou menor contradição, do grau mais ou menos elevado de dissonância ou de consonância das formas de relações sociais de uma rede de interdependência a outra” (p. 19-20).

A investigação de Lahire consistiu, então, em descrever e analisar configurações singulares a partir de “combinações específicas de traços gerais”. Essas configurações foram construídas a partir da tessitura dos seguintes traços pertinentes de análise, definidos *a priori* para a pesquisa: as formas familiares da cultura escrita, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, os modos familiares de investimento pedagógico e as formas da autoridade familiar.

Para realçar a noção básica da interdependência em ação na pesquisa, destacamos a análise que é desenvolvida a respeito da “ambigüidade” de certos traços familiares. Opondo-se ao que é denominado abordagem ingênua do

balanço de traços familiares “positivos” ou “negativos”, facilitadores ou dificultadores do “sucesso” escolar para cada uma das situações pesquisadas, o autor conclui que certos traços podem ter duplo efeito. Joanna (p. 258-68), por exemplo, é uma aluna que se encontra em situação de “fracasso” escolar, apesar de um pesado investimento dos pais em sua escolarização. Nesse caso, foi identificada uma situação que o autor qualifica de “investimento familiar paradoxal”.

A pesquisa identificou 26 configurações específicas, que foram nomeadas “perfis familiares” ou “retratos de famílias”. Esses “retratos” não são isolados uns dos outros, não se constituem como “descrições idiográficas puras”, sem comparação entre si, mas antes se articulam por meio das mesmas orientações interpretativas, conforme modelo de análise acima descrito. A imagem da música é aqui utilizada para representar essa idéia: os “retratos” ou “perfis” são como “músicas familiares, sínteses inéditas, produto dessa ou daquela combinação especial de traços pertinentes; [...] variações sobre temas mais ou menos comuns” (p. 39).

Os 26 perfis foram agrupados em oito temas. O critério que norteou esse agrupamento foi o do peso com que certos traços ou conjunto de traços apareceram em cada configuração familiar. Quanto a esse agrupamento, o autor esclarece que o fez principalmente para efeito de publicação, no sentido de facilitar a leitura, de “fornecer tempo de respiração ao leitor”, não sendo essa sua intenção original.

A meu ver, nesses temas estão embutidas importantes *conclusões da pesquisa*, visto que eles expressam algumas ênfases colocadas pelo

autor ao longo de seu trabalho. Trataremos a seguir, sucintamente, de algumas dessas *conclusões*.

O tema “o elo impossível” entre o universo familiar e o mundo escolar identificou o primeiro conjunto de casos (p. 77-104). Trata-se de configurações familiares, em número de quatro, de difícil adaptação aos universos culturais e sociais legítimos, dentre eles a escola. Nesse conjunto de famílias, todos os filhos se encontram em situação de dificuldade escolar.

“Configurações familiares heterogêneas” (p. 207-32) é o tema que agrega um outro conjunto de situações, onde estão inseridos dois casos de dificuldade escolar e um de sucesso. O que é enfatizado aqui, e que identifiquei como dado conclusivo do trabalho, é a necessidade de heterogeneizar realidades familiares, comumente homogêneas sob indicadores objetivos muito gerais, como profissão do pai, nível de instrução familiar etc. As famílias abrigadas sob esse tema constituíram-se como “leques, mais ou menos amplos, de posições e de disposições culturais, de preferências, de comportamentos, de relações com a escola, de princípios socializadores heterogêneos” (p. 208). As diferenças e/ou contradições identificadas no interior dessas famílias constituem-se também como princípio de relações de força e de tensões que exercem influências de peso na escolarização dos filhos.

Sob a rubrica de “os brilhantes sucessos” (p. 285-333) estão os quatro casos de escolaridade bem-sucedida, sem grandes dificuldades, “francos sucessos”, que o autor contrapõe a situações de sucessos escolares “difíceis, laboriosos, irregulares”. Lahire extrai das situações desse grupo três conclusões básicas. A primeira diz respeito à sua

diversidade: “não há um estilo familiar único que leve à conclusão da escola elementar” (p. 285). A segunda conclusão aponta o próprio aluno-filho como figura ativa no processo de sua escolaridade, via interiorização da valorização do sucesso escolar: “todas as crianças parecem ter interiorizado precocemente — por razões de singular economia socioafetiva que a análise sociológica das relações de interdependência tenta reconstruir — o ‘sucesso’ escolar como uma necessidade interna, pessoal, um motor interior. Assim, elas têm menos necessidade de solicitações e de advertências externas do que outras crianças, e até parecem, às vezes, mais mobilizadas do que os pais” (p. 285). A terceira conclusão em relação a esse conjunto de casos é a de que, nas condições de regularidade e linearidade em que aconteceram, caracterizam-se como excepcionais.

Dentro do tema “investimento familiar positivo ou negativo” (p. 256-85) estão dois casos de sucesso e um de fracasso escolar. Lahire defende aqui um ponto de vista novo em relação à idéia de que a mobilização educativa familiar é condição de êxito escolar nos meios populares, idéia que, desde os estudos de Zéroulou (1988) e de Laurens (1992), vinha sendo largamente aceita. Com base nos casos que investigou, e considerando sobretudo o modelo que orientou sua interpretação, o autor enfatiza que esse traço familiar não está presente em todas as situações de sucesso escolar e que, quando a mobilização existe, nem sempre leva automática e necessariamente a ele. Ou seja, a rentabilidade da mobilização escolar depende da configuração familiar específica; ela não é, em si, garantia de bons resultados escolares.

Ainda algumas palavras sobre as *conclusões* que o próprio autor extrai de seu trabalho. Em primeiro lugar, a pesquisa problematizou o mito, produzido pelos professores, da omissão dos pais das camadas populares em relação à escolarização dos filhos. “Quase todos os que investigamos, qualquer que seja a situação escolar da criança, têm o sentimento de que a escola é algo importante e manifestam a esperança de ver os filhos sair-se melhor do que eles”, declara o autor.

Em segundo lugar, no contexto da discussão acima indicada, dois temas/concepções emergem como centrais: o da subjetividade como construção social e o da busca/necessidade de ultrapassar oposições clássicas entre indivíduo/sociedade, estrutura/ator, estruturas mentais/objetivas, subjetivismo/objetivismo.

Finalmente, o tema das “modalidades da transmissão” da herança familiar, apontado pelo próprio autor como um dos pontos conclusivos do trabalho. Nesse ponto, Lahire contribui com importante reflexão no campo de uma sociologia dos processos de constituição das disposições sociais. Assim, por exemplo, quatro configurações familiares investigadas (três casos de dificuldades escolares e um de êxito) são aglutinadas sob o tema: “a herança difícil” (p. 104-41). Aqui é problematizada a noção de “transmissão” da herança familiar como um processo mecânico. A pesquisa mostrou que nem sempre pais portadores de capital cultural e/ou disposições culturais compatíveis com as exigências do universo escolar estão em condições de efetivamente transmiti-los aos filhos.

Apesar da defesa contundente das potencialidades do modelo teórico-metodológico que adota, Bernard Lahire mostra-se consciente

de seus limites, apontando para a necessidade de que questionemos a pretensão à universalidade de qualquer modelo teórico ou dispositivo metodológico ou, em suas próprias palavras, “sua pretensão de compreender todos os fenômenos sociais, todas as dimensões do social, todas as formas de vida social”. Em outros termos, o autor argumenta que, ao abordar o sucesso (e fracasso) escolar em famílias de camadas populares da perspectiva de configurações sociais singulares, situou-se, para observar esse fenômeno, num ponto de vista portador de uma “potencialidade explicativa específica”, colocando a *démarche* adotada na categoria de “um procedimento experimental”.

O trabalho de Lahire, fruto de minuciosa investigação empírica, é, a meu ver, portador de dois méritos fundamentais. Em primeiro lugar, insere-se no contexto de um conjunto de estudos recentes que aborda de forma nova e instrutiva a escolarização das camadas populares, transformando seu sucesso escolar “estatisticamente improvável” em objeto de estudo. Em segundo, está a originalidade da *abordagem* do fenômeno do sucesso (e do fracasso) escolar nas camadas populares. Essa obra traz de inédito uma fértil contribuição em termos de *método*.

Maria José Braga Viana

Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei

Notas

¹ A pesquisa original, realizada em 1993, na cidade francesa de Lyon, recebeu o seguinte título: *Les raisons de l'improbable: heurs et malheurs à l'école élémentaire d'enfants de milieux populaires*. O título do qual se originou esta tradução no Brasil é o seguinte:

Tableaux de familles: heurs et malheurs scolaires en milieux populaires, publicado em Paris pela Seuil/Gallimard, em 1995.

² Essa tese parece central no pensamento de Bernard Lahire, que acaba de publicar, em 1998, na França, um livro intitulado *L'acteur pluriel*. No bojo da análise desenvolvida nessa obra acerca da temática mais geral da socialização nas sociedades contemporâneas, ele discute as implicações, para o indivíduo, de sua inserção simultânea numa multiplicidade de contextos sociais, muitas vezes contraditórios, o que implica, por sua vez, uma heterogeneidade de experiências socializadoras.

³ Sobretudo *Qu'est-ce que la sociologie?*, 1981; *Mozart: sociologie d'un génie*, 1991; *Engagement et distanciation: contributions à la sociologie de la connaissance*, 1993.

⁴ Lahire polemiza sobretudo com Laurens, a propósito da obra *1 sur 500: la réussite scolaire en milieu populaire* (Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1992), mas também com Terrail sobre *Destins ouvriers: la fin d'une classe?* (Paris: Presses Universitaires de France, 1990) e Zérroulou, cujo trabalho de referência é o artigo publicado na *Revue Française de Sociologie*, nº 3, p. 447-70, 1988, intitulado "La réussite scolaire des enfants d'immigrés: l'apport d'une approche en termes de mobilisation".